

## **Almeida Prado, um artista pós-moderno?**

Interdisciplinaridades teórico-analíticas

Almeida Prado foi um compositor bastante prolífico, tendo composto mais de 600 peças para as mais diferentes formações (PEIXOTO, 2016). Além da extensão, sua obra se destaca pela variedade estilística, utilizando em suas peças processos tonais, modais, pós-tonais, seriais e atonais. Através desse ecletismo estilístico, Almeida Prado justifica a autodenominação de seu período composicional de 1983 e 1993 como “pós-moderno” (CORVISIER e COSTA, 2015, p. 7, 20-23).

Essa classificação, contudo, leva em conta apenas aspectos e processos relacionados exclusivamente à linguagem musical. Propomos nesta comunicação uma nova aproximação do compositor e sua obra com o pós-modernismo, correlacionando sua produção e seu posicionamento estético através de uma leitura do texto “Mapeando o Pós-Moderno”, do linguista e esteta alemão Andreas Huyssen (1992).

Huyssen aponta que o pós-modernismo não é um movimento de negação e superação, como o foi o próprio modernismo, mas sim um movimento de mudança de paradigmas e de abertura a novas leituras e abordagens. A partir dos anos 70, vê como os movimentos vanguardistas perdem seu papel de destaque no cenário da arte contemporânea, dando lugar a uma produção muito mais individual e dispersa. Os artistas passaram a aproveitar ideias, imagens, técnicas e estética modernistas, mesclando-as com elementos de culturas pré-modernas e não-modernas, dando origem a um operador que seria um novo paradigma para arte contemporânea: o ecletismo<sup>1</sup> (HUYSEN, 1992, p. 25-26).

Esse ecletismo, ainda segundo Huyssen, é sintoma de um pós-modernismo afirmativo, que passa a ver a arte de maneira positiva e abandona pretensões críticas de transgressão e negação (HUYSEN, 1992, p. 31). Diverge, nesse sentido, das diversas vanguardas modernistas e sua tentativa de instaurar a própria versão de cultura superior, dissipando a “segregação entre formas superiores e inferiores de arte e cultura” (HUYSEN, 1992, p. 44) e deixando à disposição da sensibilidade do artista códigos e técnicas antes incompatíveis.

Almeida Prado, ao adotar um estilo de escrita tão diverso, mantém um afastamento dos principais movimentos ou vanguardas estéticas de sua época, transformando o ecletismo

---

<sup>1</sup> Simms define o ecletismo musical moderno como um "amplo reaproveitamento de estilos pré-existentes e empréstimos frequentes da música do passado. [...] O ecletismo ofereceu aos compositores do século XX uma ligação com seus antepassados culturais, assim como uma maneira certa de tornar sua música acessível e provida de significado. No século XX, o ecletismo apresentou-se de três maneiras principais: a assimilação e o uso de estilos estabelecidos, citações de música pré-existente e arranjos". (SIMMS, 1986, p. 400-401).

na sua marca pessoal<sup>2</sup>. Isso é bastante significativo, pois um dos grandes desafios para os compositores de seu tempo era justamente a superação de modelos.

As temáticas não-musicais utilizadas em sua obra<sup>3</sup> podem ser vistas como um segundo ponto de contato de Almeida Prado com o pós-modernismo. Inspirado por Messiaen, que retratava em sua música o cenário e os pássaros das florestas francesas, Almeida Prado se viu instalado na cidade industrial de Cubatão. Apesar do cenário um tanto desértico e insalubre, encontrou nas formas de resistência da natureza a temática que buscava: compôs então *Ilhas*, baseado nas ilhas fluviais da cidade. Logo se seguiram os *Episódios de Animais*, *Savanas*, e *Rios*. Essa aproximação com a ecologia em reação à urbanização e industrialização é outro dos sintomas do pós-modernismo identificado por Huyssen, e se torna um dos mecanismos-chave nas obras de temática Ecológica de Almeida Prado.

Outra temática muito explorada por Almeida Prado é a religiosidade. Suas composições de temática Religiosa trazem por um lado a pessoalidade e a individualidade, ao explorar a sua própria religiosidade cristã, em obras como *Sinfonia Apocalipse* (1987) e *Le Rosaire de Medjugorje* (1987), mas também faz um retrato da religião judaica e de matriz africana – neste caso, em um movimento de valorização e descoberta da cultura popular e local<sup>4</sup>. *O Livro de Ogum* (1977) e a *Sinfonia dos Orixás* (1985) são exemplos dessa abordagem.

As diferentes temáticas utilizadas por Almeida Prado são integradas em suas obras não através do uso de temas, motivos ou estruturas sígnicas já cristalizadas, como em suas peças e variações sobre temas folclóricos de sua fase de estudos com Guarnieri. Almeida Prado toma o objeto como inspiração criativa, e então compõe através de seu filtro pessoal. Esse processo composicional reflete uma mudança de paradigma de uma matriz estética coletiva, característica da época das vanguardas, para uma estética pessoal centrada na criatividade individual.

---

<sup>2</sup> Sobre o ecletismo, Almeida Prado afirma que “É mais um comportamento que uma nova estética, [...] não é uniforme em torno de determinados princípios ou técnicas. É antes uma liberdade do uso de novas e velhas técnicas, num contexto original, a serviço da invenção, da comunicação, da expressão e do lúdico” (Almeida Prado *apud* Corvisier, 2000, p. 17).

<sup>3</sup> Moreira propõe em sua dissertação (2002, p. 47-53) a classificação da obra de Almeida Prado em 5 eixos temáticos, que perpassam suas fases cronológicas. Esses eixos temáticos são o místico, ecológico, astrológico, afro-brasileiro e livre.

<sup>4</sup> Sobre suas obras de temática Afro-brasileira, o compositor afirma que “O afro-brasileiro não foi uma experiência mística, mas estética. Não tenho interesse nessas religiões enquanto atos de fé. Acho muito bonito o ritual do Candomblé, as roupas, os temas, o obsessional, os tambores, a ligação com a terra, muito primitiva. Tudo isso me encantou quando compus “Sinfonia dos Orixás”, “Sonata Omolum”. Respeito quem crê em qualquer religião. A divindade de Jesus está em cada religião. Se Deus está em tudo, o Espírito Santo também age no Candomblé - para quem crê. No que se refere ao respeito a todas as religiões, sou ecumênico.” (ALMEIDA PRADO *apud* MOREIRA, 2002, p. 66)

Podemos ainda traçar um último ponto de contato de Almeida Prado com o pós-modernismo diagnosticado por Huyssen através de sua leitura do nacionalismo. Apesar de ter rompido com o nacionalismo neofolclorista de Guarnieri em 1965 (CORVISIER COSTA, 2015, p. 11), Almeida Prado manteve uma preocupação em integrar uma certa “brasilidade” em suas obras. Durante seu período de estudos em Paris, revisita o nacionalismo, não mais através de uma estética mariodeandradeana. Em vez disso, novamente influenciado pela poética de Messiaen e incentivado por Nádya, se volta para a natureza brasileira como fonte de inspiração.

Neste ambiente fui tentando compor obras que misturavam toda aquela base nacionalista, que já respirava um outro ar, com o que eu apreendia e as minhas raízes. Foi então que comecei a olhar em direção à fauna e flora brasileiras como fontes de inspiração, não utilizando mais o folclore, e sim a inspiração nascida dos bichos, das flores, das orquídeas, da Amazônia. (ALMEIDA PRADO *apud* CORVISIER, 2000, p. 14)

Esse reaproveitamento de sua base nacionalista ecoa não só em suas obras de temática Ecológica, mas também nas de temática Mística, ao integrar religiões e superstições caracteristicamente brasileiras, na afro-brasileira e até na astrológica. Essa releitura do nacionalismo é uma atitude tipicamente pós-moderna. “É um pós-modernismo que opera não como rejeição do modernismo, mas como leitura retrospectiva que, em alguns casos, está plenamente consciente das limitações e fracassadas ambições políticas do modernismo” (HUYSEN, 1992, p. 63). Esse retorno de Almeida Prado ao nacionalismo não se dá em busca do suposto potencial do modernismo como agente de transformação, mas como uma fonte importante de seu imaginário criativo.

Podemos então observar como Almeida Prado, em busca de sua linguagem e seu lugar como compositor adota diversas atitudes que podem ser vistas como pós-modernas. Não tivemos, através desta comunicação, a pretensão de classificar categoricamente Almeida Prado como um compositor pós-moderno. Antes disso, buscamos, através dos pensamentos de Huyssen, jogar uma nova luz sobre a obra de Almeida Prado, principalmente em relação ao cenário da música contemporânea brasileira.

#### **Palavras -chave:**

Estética musical. Almeida Prado. Análise da música brasileira. Pós-modernismo.